

Isabel Cristina - a Redentora

Princesa Imperial - Isabel Cristina Leopoldina

3ª Princesa do Brasil

Princesa D. Isabel, Regente do Império do Brasil (1846-1921).

Nome completo: Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon

· Infância e Adolescência



Às 6:26 horas da tarde do dia 29 de julho de 1846 nascia a Princesa Isabel, segunda filha do Imperador D. Pedro II, assistida pelo Dr. Cândido Borges Monteiro, no Paço de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Batizada na capela Imperial no dia 15 de novembro daquele ano pelo Bispo Capelão-Mor. Conde de Irajá. Recebeu o pomposo nome **Isabel Cristina Leopoldina Augusta**. Isabel, por causa da avó materna, Rainha de Nápoles; Cristina, que lembraria sua mãe, a Imperatriz Dona Tereza Cristina;

Leopoldina em homenagem a sua avó paterna, a primeira Imperatriz do Brasil e Augusta como premonição do futuro que a aguardava. A esses nomes acrescentaram-lhe os tradicionais dos príncipes de Bragança: **Micaela, Gabriela, Rafaela Gonsaga de Bragança e Bourbon**.

O Imperador D. Pedro II teve quatro filhos: D. Afonso (1845-1847), D. Isabel Cristina (1846-1921), D. Leopoldina Teresa (1847-1871) e D. Pedro Afonso (1848-1850). Com as mortes prematuras dos dois varões, Isabel tornou-se a herdeira oficial do trono ao completar 14 anos.

Com a morte de seu irmão mais velho, o Príncipe Dom Afonso, tornava-se, aos onze meses de idade, herdeira do trono e sucessora de seu pai. Neste mesmo ano de 1847 nasceria a 13 de julho a sua companheira de toda a mocidade, a Princesa Leopoldina, sua irmã.



A Família Imperial na Biblioteca do Imperador, em litografia de Sisson, de 1860. Os quatro membros da família foram representados segurando um livro ou objeto de estudo. Arquivo do Museu Imperial

A 29 de julho de 1860 completava D. Isabel seus 14 anos e, de acordo com o Artigo 106 da Constituição, deveria prestar o juramento por esta determinado de "manter a religião católica apostólica a romana, observar a Constituição política da nação brasileira e ser obediente às leis e ao imperador.



A fim de prepará-la para o papel que lhe estava reservado, começou Dom Pedro II a preocupar-se com a formação da futura Imperatriz. Desde cedo, porém, o Imperador iniciou entendimentos para dar às filhas uma preceptora. Por indicação da Princesa de Joinville (Dona Francisca de Bragança (1824-1898), irmã de D. Pedro II - foto ao lado) a escolhida foi D. Luisa Margarida Portugal de Barros, filha do diplomata Domingo Borges de Barros. Visconde de Pedra Branca. casada com o fidalgo francês Visconde de Barral. A futura Condessa de Barral iniciou suas funções em setembro de 1865.

Para a instrução da Princesa Isabel e da sua irmã diversos mestres foram então designados. Lendo seus programas de estudo, tão repletos de aulas e obrigações, pode-se imaginar que a Princesa Isabel teve uma infância diferente das crianças de seu tempo. Contudo, teve certamente suas horas de brincadeiras, principalmente em Petrópolis. onde em seu diário ela diz: "Petrópolis, residência de verão, residência deliciosa: jardins floridos canais cortando a cidade..." ou ainda mais adiante "Eu fui de Petrópolis a pé até a cascata de Tamarati. A mana andou tão pouco a cavalo. " Em São Cristóvão, para amenizar o ambiente tão carregado de estudos e deveres, pequenas peças teatrais eram levadas à cena e as princesas desempenhavam os principais papéis na companhia dos amigos de infância.

O regime de estudos das princesas era de uma severidade impressionante. Elas tinham aulas 6 dias por semana, das 7 h da manhã às 21h30m, com pouquíssimos intervalos para recreação. O próprio Imperador determinou: as visitas que procurarem as Princesas serão recebidas unicamente aos domingos, nas festas de guarda e nacionais, nos dias de seus anos, nos dos nossos, nos de seus nomes e nossos, e em qualquer outra ocasião que eu determinar · à exceção dos criados de honra e de serviço. Só haverá férias em Petrópolis, onde talvez seja alterada a distribuição do tempo¹⁶. O currículo compreendia cerca de duas dezenas de matérias, entre as quais português e sua literatura, francês, inglês, italiano, alemão, latim (cujo professor era às vezes o próprio imperador), grego, álgebra, geometria, química, física, botânica, várias disciplinas de história, divididas por país e por época, cosmografia, desenho e pintura, piano, filosofia, geografia, economia política, retórica, zoologia, mineralogia, geologia, etc. Boa parte das aulas era dada em francês, assim como esta era a língua em que eram redigidos os horários das aulas e os boletins escolares. A princesa Isabel cresceu em um lar muito saudável, onde imperava o respeito mútuo entre os pais.

As diversões das princesas ficavam por conta de jogos de salão e representações teatrais no próprio palácio. Eram as festas das meninas, de que estavam excluídos políticos e meninos. As Princesas viam transcorrer sua juventude, entre aulas de latim, alemão, botânica, mitologia, história sagrada, matemática além de leitura dos evangelhos aos sábados.



Princesa Isabel adolescente



Princesa Leopoldina adolescente

A educação dada a Isabel e a sua irmã Leopoldina reflete fielmente a personalidade de D. Pedro II, persuadido da importância suprema de uma educação universal e ampla, com um forte teor científico. Um governante, na visão do monarca, deveria estar preparado para entender, mesmo que como observador fora do palco dos acontecimentos, o desenrolar do progresso das ciências e de suas aplicações. Isso era considerado essencial no processo de tomada de decisões. Todavia, Pedro II não se restringia a este aspecto. Ele tinha um gosto especial pelo mundo dos estudos, sobretudo os estudos científicos, chegando a realizar experimentos científicos, escrever trabalhos, tomar parte em reuniões acadêmicas, sendo sócio, por exemplo, da Academia das Ciências de Paris, e corresponder-se extensamente com pessoas ligadas à ciência e à tecnologia, como já se mostrou várias vezes¹¹. O que mais surpreende no caso analisado aqui não é o fato de as princesas terem tido a educação que lhes foi proporcionada, mas sim o contraste entre esta e a educação da imensa maioria das mulheres brasileiras da época, mesmo aquelas de origem abastada.



Retrato de D. Pedro II, por Delfim da Câmara (1875). O imperador está cercado de ícones da ciência: sua mão direita segura um livro onde se vê a representação de um telescópio; à frente do que parece ser um globo celeste estão três livros, perfeitamente visíveis no original a óleo, com os nomes, Arago, Kepler e Halley escritos nas lombadas. Ao fundo, vê-se a cúpula de um telescópio do Imperial Observatório do Morro do Castelo. Museu Histórico Nacional. (foto e texto extraído do trabalho - "A química na educação da Princesa Isabel" de Carlos A. L. Filgueiras).

A educação feminina em caráter mais universal e amplo só se logrou efetivamente no Brasil a partir do final do século 19, sobretudo após a implantação da República, com a vinda de inúmeras congregações religiosas para o país, com a finalidade específica de criar um grande número de colégios espalhados de norte a sul do imenso território. À falta de um ensino público universal que atendesse eficazmente às necessidades da população, foi principalmente essa rede de instituições de ensino que supriu as deficiências herdadas do regime anterior.

Mais tarde, em sua primeira visita à Europa, já casada, Isabel Cristina escrevia ao pai para agradecer a educação recebida. · Oh! Quanto lhe agradei no meu interior de me ter ensinado e de me ter dado mestres de modo que agora compreendo a maior parte das coisas que vejo, ainda que ignore muito. Entre seus mestres estavam a Condessa do Barral, por quem manteria afinidade e admiração por toda vida.

· Casamento

Em todos os tempos e lugares os casamentos de príncipes são motivo para as mais descontraídas opiniões e comentários. Era natural que o governo e o povo dessem a maior importância ao casamento da Princesa Isabel, dedicando-lhe toda a atenção. Cabia ao ministério movimentar a máquina diplomática para localizar um Príncipe Consorte. Depois de enorme correspondência trocada com a nobreza européia é a própria Princesa quem escolhe o seu Príncipe, Luís Gastão de Orléans, o Conde d'Eu. Em 18 de setembro de 1864 o príncipe francês pede a mão da herdeira do Império do Brasil. O casamento teve lugar na Capela Imperial, no Rio de Janeiro, a 15 de outubro daquele ano. No mesmo dia os noivos partem para a lua de mel em Petrópolis, e em 10 de janeiro de 1865 seguem viagem para a Europa onde a Princesa conheceu então os pais de seu marido.

A intenção do Imperador era casar Isabel com Augusto e Leopoldina com Gastão. No entanto, contrariando um costume da época, as princesas puderam escolher seus noivos. ·Chegaram o Conde d'Eu e o Duque de Saxe. Meu pai pensava no conde d'Eu para minha irmã e no Duque de Saxe para mim. Deus e os nossos corações decidiram diferente, escrevia Isabel. Em um mês resolveram-se todas as formalidades a princesa unira-se a seu príncipe que estaria a seu lado por toda a vida.

O casal passou a residir no bairro carioca das Laranjeiras, no atual **palácio Guanabara**, e em Petrópolis. Desde então esses palácios passaram a ser refúgio de escravos fugidos. O Imperador concedeu as



honras de marechal do Exército ao genro, que, pelo contrato antenupcial, receberia o título de imperador desde que tivesse com a princesa filho chamado ao trono, mas não tomaria parte no governo.

Com o fim da Guerra do Paraguai o casal faz nova viagem à Europa. desta vez para visitar a Princesa Leopoldina que se encontrava doente. Sofrendo de tifo, a única irmã da Princesa Isabel veio a falecer em 7 de fevereiro de 1871. Neste mesmo ano. D. Pedro II faz sua primeira viagem à Europa. Deixando, pela primeira vez, a

Princesa Isabel como Regente do Império. Neste interim, é assinada a 28 de setembro a Lei do Ventre Livre.

A ausência de filhos do casal preocupava a todos. Engravidara a Princesa durante a sua terceira viagem à Europa. mas somente no 6 mês de gravidez ponderou sobre a dificuldade de retornar ao Brasil para que aqui nascesse o seu herdeiro. como regia o Contrato Matrimonial. Embarcando dois meses depois, após uma viagem penosa, nascia-lhe morta uma menina aos 28 de julho de 1874, no Paço Isabel. Finalmente em 15 de outubro de 1875, quando comemoravam onze anos de casados, nascia no Palácio Princesa Isabel, em Petrópolis, o herdeiro, recebendo o nome de **Pedro de Alcântara**, e o título de Grão-Pará, que competia ao primogênito do Príncipe Imperial. No Palácio Imperial de Petrópolis, em 26 de janeiro de 1878, nascia o segundo filho da Princesa, **Dom Luís Maria** e a 9 de agosto de 1881, em função de uma demorada viagem à Europa, nascia o terceiro filho, **Dom Antônio**, no Palácio alugado da Rua de La Faisanderie, 27, Passy, Paris, morto solteiro pilotando um avião na Primeira Guerra Mundial. A princesa procurou dar uma formação democrática aos filhos, matriculando-os no **colégio do Padre Moreira***, freqüentado pelas crianças mais simples de Petrópolis.



Colégio Padre Moreira*

Em 1870, chega ao Brasil o Padre José Benedito Moreira, português de nascimento, hospedando-se no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, sendo autorizado a lecionar latim, filosofia e inglês, por um aviso do Ministério do Império.

Vem para Petrópolis, onde funda um educandário, citado pela primeira vez no Almanaque Laemmert, em 1879, funcionando o citado colégio, que recebeu o nome de São José, na Rua dos Artistas, próxima ao Asilo do Amparo.

Em 1881, vendeu o Colégio São José ao Dr. Achilles Biolchini e, em 1886, adquiriu a propriedade em que funcionava o Colégio Kopke, ali instalando o Colégio Padre Moreira.

Sobre suas atividades nesse período, informa Cardoso Fontes:

Foi então legendária sua ação. Mestre à antiga, ríspido nas ordens, implacável na exação dos deveres e na disciplina moral, tolerante nas fraquezas humanas, cujo remédio encontrava no reerguimento da personalidade de quem fraquejava, pelo conselho e pelo seu exemplo, a todos indicava a prática da virtude. (43)

Foram alunos de seu afamado educandário o Príncipe do Grão Pará, Dom Pedro de Orleans e Bragança. Aristides Werneck, Henrique Viard, Afonso d'Escragnole Taunay, Luís de Souza Dantas e muitas outras personalidades.

(43) LACOMBE, Lourenço Luís. Velhos Colégios de Petrópolis. Tribuna de Petrópolis, junho de 1950.

Fonte: [Curso de História de Petrópolis](#)



· **Regências de Isabel**

Princesa Imperial Regente do Brasil

1ª Regência - 25 de maio de 1871 a 31 de março de 1872

2ª Regência - 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877

3ª Regência - 30 de junho de 1887 a 22 de agosto de 1888

1ª Regência: Em fevereiro de 1871, faleceu, em Viena, a Princesa D. Leopoldina com apenas 24 anos. Abalados com a dor pela perda da filha, os Imperadores viajaram para a Europa por uma longa temporada. A Regência passou a ser exercida pela Princesa D. Isabel, herdeira do trono, cujo juramento foi prestado, em 20 de maio do mesmo ano, na Sala de Sessões do Senado. A Cerimônia do Juramento

foi presidida pelas mais importantes figuras do Governo, representando os Três Poderes. Todo o Corpo Diplomático testemunhou o evento, cuja memória foi encomendada pelo Visconde de Abaeté ao pintor Vítor Meireles de Lima. No período em que exerceu o poder, no ministério do visconde do Rio Branco, entre 7 de maio de 1871 e 31 de março de 1873, sancionou a Lei do Ventre Livre, que libertava os filhos que nascessem de mãe escrava.



Juramento da Princesa Isabel em 20 de maio de 1871.

2ª Regência: Voltou a assumir o cargo de regente em 26 de março de 1876, quando da viagem de Pedro II aos Estados Unidos, e nele permaneceu até 27 de setembro do ano seguinte.

3ª Regência: Em 30 de junho de 1887, com a partida do Imperador para a Europa, em tratamento de saúde começava a 3ª Regência e a 3ª fase política da vida da Princesa. A escravidão estava de tal maneira presente na vida do Império que várias tentativas visando aboli-la acabavam esbarrando no conservadorismo dos fazendeiros e proprietários, mesmo entre os liberais. As relações entre a Regente e o Ministério de Cotegipe eram tensas, embora aparentassem ser cordiais, Enquanto a Princesa aliava-se ao movimento popular, o Ministério de Cotegipe defendia a manutenção da escravidão. Aproveitando-se da oportunidade oferecida por um incidente de rua, a Princesa substituiu o Gabinete. O novo ministério conhecido como o Gabinete da Abolição, tinha a frente o Conselheiro João Alfredo, a quem a Princesa sugeriu na Fala do Trono que se fizesse o quanto antes a abolição da escravatura.

No dia 13 de maio de 1888, uma senhora de 41 anos, portando uma caneta banhada a ouro (foto ao lado) assinava um dos documentos mais importantes da História do Brasil - a Lei Áurea,



que dava liberdade a todos os escravos. Por detrás de sua assinatura havia o clamor de diversas pessoas, que lutaram junto com ela para que tal lei fosse implantada. Através deste ato, seu nome ficaria definitivamente na História. Na euforia e no entusiasmo pelo seu dia de glória, só ouvia a Princesa os louvores e

os aplausos - Viva Isabel I. Coroando a atitude da "Redentora" faltava a benção da Igreja, com a Rosa de Ouro, concedida à Princesa pelo Papa Leão XIII, em 28 de setembro de 1888. Mas a elite cafeeira não aceitava a Abolição. Cotegipe, ao cumprimentar a Princesa, vaticinou: "Vossa Alteza libertou uma raça, mas perdeu o trono". É certo que o mérito não foi apenas dela, mas seu interesse pela causa foi de fundamental importância. Os fazendeiros escravocratas, sustentáculos da política imperial, abandonaram o Imperador após a abolição. E disso já sabia muito bem Isabel antes de assinar a Lei Áurea.



Em outras palavras, optando pela Abolição, D. Isabel talvez tenha optado também, involuntariamente, pelo avanço do republicanismo e o agravamento das relações entre a elite dirigente brasileira, mormente a aristocracia rural, e a Realeza.

Contudo, é ela própria quem nos dá a resposta a isso: "**Se mil outros tronos eu tivesse, mil eu perderia para por fim à escravidão!**"

Postura política

Liberal, a Princesa uniu-se aos partidários da abolição da escravidão. Apoiou jovens políticos e artistas, embora muitos dos chamados abolicionistas estivessem aliados ao incipiente movimento republicano. Financiava a alforria de ex-escravos com seu próprio dinheiro e apoiava a comunidade do Quilombo do Leblon, que cultivava camélias brancas, símbolo do abolicionismo. A Princesa ousou, algumas vezes, aparecer em público com uma dessas flores a adornar-lhe a roupa, fato sempre notado pelos jornais. Foram-lhe oferecidos, inclusive, quando da

assinatura da Lei Áurea, bouquets de camélias pelo presidente da Confederação Abolicionista, João Clapp, e pelo Seixas.



A flor servia como uma espécie de código de identificação entre os abolicionistas, principalmente quando empenhados em ações mais perigosas, ou ilegais, como auxiliando fugas ou conseguindo esconderijo para os fugitivos. Um escravo podia identificar imediatamente possíveis aliados pelo uso de uma dessas flores no peito, do lado do coração. Naqueles tempos, usar uma camélia na lapela ou tê-la em seu jardim em casa, era uma quase acintosa confissão de fé abolicionista. Alguns pés de camélias remanescentes desse tempo simbólico ainda podem ser encontrados nos jardins, como os da Casa de Rui Barbosa, atuante membro do movimento abolicionista. Estes pés de camélia são documentos vivos e, em algumas épocas do ano, floridos, da história do Brasil.

A Princesa Isabel também protegia escravos fugidos em Petrópolis. Temos sobre isso o testemunho insuspeito do grande abolicionista André Rebouças, que tudo registrava em sua caderneta implacável. Só assim podemos saber hoje, com dados precisos, que no dia 4 de maio de 1888, "almoçaram no Palácio Imperial 14 africanos fugidos das fazendas circunvizinhas de Petrópolis". E mais: todo o esquema de promoção de fugas e alojamento de escravos parecia ter sido montado pela própria Princesa. André Rebouças sabia de tudo porque estava comprometido com o esquema.

Não faltava a esse esquema nem mesmo o apoio de importantes damas da corte, como Madame Avelar e Cecília, Condessa da Estrela, companheiras fiéis de Isabel e também abolicionistas da gema. Às vésperas da Abolição final, conforme anotou Rebouças, já subiam a mais de mil os fugitivos "acolhidos" e "hospedados" sob os auspícios de Dona Isabel. André Rebouças, o intelectual negro de maior prestígio da época, fazia uma ponte entre o esquema de fugas montado pela Princesa, em Petrópolis, e o alto comando do movimento abolicionista, no Rio de Janeiro: o pessoal da Confederação Abolicionista, Joaquim Nabuco, de quem era amigo fraterno, Joaquim Serra, João Clapp, José Carlos do Patrocínio.



Princesa Isabel - A Redentora

A princesa Isabel possuía pensamento arrojado para sua época, era partidária de idéias modernas, como o sufrágio feminino e a reforma agrária. Documentos recentemente descobertos revelam que a Princesa estudou indenizar os ex-escravos com recursos do Banco Mauá. A carta escrita pela princesa em 11 de agosto de 1889 revelada pela revista Nossa História em 2006 endereçada a um amigo, o Visconde de Santa Vitória (primo e sócio do Visconde de Mauá, um dos

homens mais ricos do Brasil), deixa claro que ela tinha planos para os escravos recém-libertos. Isabel e o pai, o imperador Pedro II, chegaram a articular com empresários a compra de terras para ex-escravos. A mensagem dirigida por Isabel ao empresário é clara: ·Com os fundos doados pelo senhor, teremos oportunidade de colocar estes ex-escravos, agora livres, Afro-descendentes em terras próprias trabalhando na agricultura e na pecuária e delas tirando seus próprios proventos.

Nessa carta da princesa dá para ver que ela pensava nisso, em uma reforma agrária após a abolição·, apontou o historiador Eduardo Silva.

Para o diretor executivo do Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), frei David Santos, é preciso rever o papel da princesa. Somos obrigados a perceber o quanto ela tinha a intenção de redenção e o quanto a classe política daquele tempo não permitiu esse sonho de redenção ser realizado, acredita.

O documento, que ficou guardado por mais de um século traz ainda outra revelação: a princesa Isabel estava engajada numa outra campanha, pelo voto feminino. ·Quero agora dedicar-me a libertar as mulheres dos grilhões do cativeiro doméstico, e isto será possível através do sufrágio feminino. Se a mulher pode reinar, também pode votar·, escreveu a princesa.

Com a Lei Áurea, caiu o apoio político ao Império, que seria derrubado três meses depois com a proclamação da República. A princesa e a família real tiveram então que se exilar em Paris.

As conseqüências foram que as garantias pedidas por Isabel jamais tornaram-se reais. Nenhum ex-escravo foi indenizado, dando origem a um ciclo de desigualdade contínuo cujas conseqüências permanecem no Brasil atual.

Exílio

Com a Proclamação da República em novembro de 1889, embarca a Família Imperial para o exílio na Europa. É com o coração partido de dor que me afasto de meus amigos, de todos os brasileiros e do país que tanto amei e amo, para cuja felicidade esforcei-me por contribuir e pela qual continuarei a fazer os mais ardentes votos. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. Isabel, Condessa d'Eu.

A velhice transcorreu tranquila e calma para a Princesa Isabel. Rodeada do marido - que amava e que a amava - e dos filhos (dois dos quais levados pelas conseqüências da Primeira Guerra Mundial) e por seus netos, que passaram a constituir o seu encantamento. Fez de sua casa uma embaixada informal do Brasil. Recebia brasileiros de passagem, ajudou o jovem Alberto Santos-Dumont quando desenvolvia suas invenções. Em 1920 teve a felicidade de saber que a lei que bania a Família Imperial do Brasil havia sido revogada pelo Presidente Epitácio Pessoa.



Princesa Isabel com um dos seus netos no exílio



Princesa Isabel em um momento de descanso.

Sucessora de D. Pedro II como D. ISABEL I, Chefe da Casa Imperial e Imperatriz de direito do Brasil, em 5 de dezembro de 1891, em Paris, França, é reconhecida pela representação dos estadistas e nobres brasileiros que a acompanhavam no amargo momento da morte do Imperador.

Nos últimos anos, com dificuldade para se locomover, era empurrada numa grande cadeira de rodas pelos corredores e salões do castelo d'Eu.

Ela morreria em 14 de novembro de 1921, no Castelo d'Eu na Normandia - França, aos setenta e cinco anos. Com saudades de Petrópolis, de minha casa, do meu jardim e de minhas amigas... Mas seria sempre lembrada, Isabel, a redentora dos escravos. Ainda no navio que a levava para o exílio, teria dito a Rebouças: 'Senhor Rebouças, se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los'. Velada na Igreja Colegial de Eu, até 18 de novembro de 1921 e, depois, enterrada no Mausoléu da Casa de Orleans, na Capela Real de Dreux (França).

Restos mortais trasladados para o Brasil, em 1953, juntamente com os de D. Gastão, e depositados na Catedral Metropolitana do Rio de

Janeiro até 9 de maio de 1971, quando foram levados para a Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos.

Dali partindo, a 12 de maio de 1971, para Petrópolis, a fim de serem condignamente dispostos no Mausoléu Imperial da Catedral de São Pedro de Alcantara, ao lado de D. Pedro II e D. Thereza Christina.



Finalmente inumada em 13 de Maio de 1971 na Catedral, após Missa Solene celebrada pelo Senhor Bispo de Petrópolis, D. Manuel Pedro da Cunha Cintra, com a presença de D. Pedro Henrique (*1909 ·1981), neto e sucessor de D. Isabel na Chefia da Casa Imperial, de vários Príncipes do Brasil e Príncipes de Orleans-e-Bragança, e do então Príncipe da Beira, D. Duarte Pio, herdeiro do trono português, todos netos e bisnetos da Redentora, além das mais altas autoridades da República brasileira.

=====

Fonte texto: Viva Brasil | Instituto D^a Isabel | A química na educação da Princesa Isabel | Casa Imperial do Brasil | Rui Barbosa e o quilombo do Leblon |

Fonte imagens: Família Imperial | Museu Nacional

===== **MiniWeb Educação** =====